

CINEMA E EDUCAÇÃO

Angélica PIOVESAN1

Lívia BARBOSA (PPED/GPECS/PROCAPS/UNIT) 2

Sara Bezerra COSTA3

RESUMO

O uso de mídias cinematográficas em sala de aula pode servir de suporte ao professor para trabalhar vários conceitos, temas e significados utilizados na vida diária dos seus alunos. O cinema pode servir como ferramenta pedagógica para ajudar no ensino-aprendizagem. Sendo assim, percebemos que o uso deste meio de comunicação pode ajudar a ampliar e avançar na formação cultural do professor e do aluno. A arte cinematográfica contribui para disseminar a arte e a cultura e pode exercer influência positiva nos estudantes e professores quando bem utilizadas.

Palavras-Chave: educação, cultura, mídias cinematográficas.

ABSTRACT

The use of cinema in the classroom can support the teacher to work with various concepts, themes and meanings used for their students in everyday life. The cinema can be used as pedagogical tool to assist in teaching and learning. So we realize that the use of this media can help to expand and advance the cultural background of the teacher and the student. The art of cinematography contribute to foster art and culture and can exert positive influence on students and teachers when are well used.

KEYWORDS: education, culture, Cinematographic media.

INTRODUÇÃO

Neste artigo discutiremos temas como violência, cultura, modernidade, emoção e afetividade que podem ser trabalhados através do uso de mídias cinematográficas em sala de aula. Os filmes possibilitam que o professor trabalhe vários conceitos, temas e significados utilizados na vida diária dos seus alunos. Utilizaremos como referencial teórico

1. angelicapiovesan@hotmail.com

2. melolivia@ig.com.br

3. sarabc_andrade@hotmail.com

a Psicologia Histórico-Social e a Linguagem Cinematográfica para esta construção.

Iniciaremos com a definição de violência para Houaiss (2004), violência significa “constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação. Qualidade do que é violento. Ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade”.

A violência faz parte da história do homem desde as conquistas, as guerras, conflitos étnicos e religiosos. Para alguns teóricos da contemporaneidade a violência está inscrita em todos os seres humanos e a partir da civilização humana o homem passou a tentar controlá-la para se inserir na cultura.

Na época da modernidade o homem passou a negar o sofrimento e a dor, como consequência dos conflitos ocorridos a partir das exigências da civilização. Para Marin (2002), há a ideia de que a tentação em evitar o sofrimento tem contribuído para as manifestações violentas e arbitrarias tão presentes em nossa sociedade, sem negar os condicionantes sócio-políticos e econômicos da violência.

A modernidade foi demarcada por fatores correspondentes à revolução industrial que acarretaram mudanças na vida cotidiana do indivíduo através de novas tecnologias e meios de comunicação. De acordo com Walter Benjamin (1994), o progresso tem a marca de catástrofes devido à exploração mortífera da natureza e o aperfeiçoamento das tecnologias de guerra, onde “Viver tornou-se uma experiência de risco”, ou “o risco tornou-se um jeito de viver”, no qual o excesso está sempre presente.

Para Barreto (2010), a revolução industrial significou mais do que a introdução de máquinas e aperfeiçoamento de métodos produtivos, ela converteu grande massa de trabalhadores em proletários (operários) ou desempregados, incidindo, conseqüentemente, no modo de vida de cada cidadão.

A partir desse momento as transformações nas formas de trabalho, na ocupação do tempo e do espaço, com a reprodução ampliada dos problemas do capitalismo, acentuaram os sentimentos de vulnerabilidade e de insuficiência no homem atual.

O estudo da cultura é muito importante também neste momento, pois a cultura é quem determina a maneira de pensar, agir e interagir dos indivíduos, segundo o ponto de vista de diversas áreas, inclusive da Antropologia e da Sociologia, é a partir do conhecimento de cultura que podemos entender o homem como ser cultural e social de acordo com alguns teóricos como, Thompson (1995), Geertz (1978) e Costa (2007).

A cultura, pensada como o conjunto de crenças, de valores e de significados que o homem compartilha com o seu grupo, foi violentamente modificada pelo advento da sociedade midiática, que fez com que os povos distantes e diferentes, sob muitos pontos de vista, passassem a dividir um imaginário comum. (COSTA, 2007, p. 282)

O cinema surgiu no final do século XIX, tornou-se a expressão e a combinação mais completa dos atributos da modernidade (SCHWARTZ, CHARNEY, 2004). Pode

ser considerado como um meio de comunicação utilizado pela indústria cultural como divertimento, entretenimento para as massas populares. Para Pereira (1981) e Gunning (2004), o cinema foi denominado como meio de comunicação de massa que não veiculava cultura popular, mas apenas fazia cultura industrializada para vendê-las às massas, era uma indústria de entretenimento.

Com o passar do tempo, o cinema passou a ser visto de forma mais abrangente, saindo da fantasmagoria, da ficção e passando a retratar as questões sociais, econômicas, políticas e culturais. Para Charney e Schwartz (2004), o cinema não forneceu simplesmente um novo meio no qual os elementos da modernidade podiam se acotovelar, ao contrário, ele foi produto e parte componente das variáveis interconectadas da modernidade: tecnologia mediada por estimulação visual e cognitiva; a rerepresentação da realidade possibilitada pela tecnologia; e um procedimento urbano, comercial produzido em massa e definido como a captura do movimento contínuo.

Além disso, o cinema é o meio mais prático de retratar o tempo e o espaço através de montagens e cortes de cenas. O olhar no cinema tem um significado muito importante, serve de mediador entre o espectador e o que é projetado. Como retrata Xavier (1988), o cinema nos propicia ver o mundo e estar a salvo, ocupar o centro sem assumir encargos.

A modernidade trouxe interesse às teorias sociais de Georg Simmel, Siegfried Kraucauer e Walter Benjamin, como observa Singer (2004), pois centraram na concepção neurológica da modernidade, onde os estímulos sensoriais são acentuados, caracterizados pelos choques físicos e perceptivos decorrentes de barulhos, tráfegos, sinais de trânsito e multidões precedentes da modernidade.

O aumento da ansiedade em relação aos perigos da vida moderna consequentes de acidentes de trânsito, residencial e profissional acarretaram em alterações psíquicas e sensoriais do homem moderno. Dessa forma, o cinema passou a retratar essas sensações vívidas e intensas correspondentes a vida cotidiana.

Os afetos são manifestados no espectador através das emoções que nada mais são do que os sentimentos de amor, ódio, cólera e empatia, Aumont (2004). De maneira geral, as emoções podem ser fortes, positivas, negativas, representantes da vida real ou imaginária.

Para Botura (2001), o desenvolvimento da linguagem verbal contribuiu também para a obstrução da compreensão da linguagem corporal plena e a expressão de emoção passou a ser considerada um sinal de fraqueza, até com um aparente sentido, pois as estratégias, artimanhas e jogos para dominar o outro passam pela racionalidade.

Afetividade, Emoções e Funções Mentais

Os sentimentos de afetividade, as emoções e as funções mentais, podem ser relacionadas de maneira geral. Para tratar da afetividade e das emoções que são fatores importantes na constituição do indivíduo, utilizamos a teoria de Wallon (1989) e para os termos de "função mental", pensamento, memória, percepção e atenção, Vigotski (1989,2001).

Wallon (1879-1962) atribui às emoções um papel central na evolução da consciência, concebendo-a como fenômeno psíquico e social, além de orgânico. Para ele, emoção e razão estão interligados, onde a evolução da afetividade depende das construções realizadas no plano da inteligência, assim como a evolução da inteligência depende das construções afetivas, podendo predominar uma fase ou outra durante o desenvolvimento humano (Arantes, 2002).

Os conceitos de emoções e afetividades estudados por alguns teóricos da psicologia histórico-cultural estão interligados no processo de desenvolvimento individual de cada indivíduo. Se um sujeito está, por exemplo, com problemas afetivos, e, portanto desequilibrado emocionalmente, é certo que não poderá se dedicar como poderia ao processo de desenvolvimento cognitivo Tagliaferro et all (s.d.). Da mesma forma, para que um determinado indivíduo consiga entender e compreender suas emoções e sentimentos é preciso que sua racionalidade esteja bem estruturada, como por exemplo, a organização de idéias.

Sendo assim, a escola pode ser considerada a mediadora das relações entre alunos e entre a família e a escola, fazendo a interligação entre o desenvolvimento cognitivo necessário para o aprendizado do aluno buscando a compreensão dos aspectos afetivos relacionados às convivências escolares como também aos familiares que podem ser os propulsores de comportamentos aprendidos e refletidos em sala de aula.

Segundo Oliveira (2004), Vigotski coloca que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afetos e emoções, onde a compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva.

Então, podemos dizer que essas construções são baseadas tanto nas “funções mentais” de Vigotski, como nas relações de afetividade e cognição de Wallon, onde o professor tem um papel fundamental através da linguagem, de mediador dessas relações devendo trabalhar a compreensão dessas emoções e funções mentais numa tentativa de que haja mudanças nas histórias de vida desses indivíduos.

As funções cognitivas de atenção, percepção, memória, entre outras, são importantes para a interpretação e entendimento dos filmes. Os significados dados por cada um estão relacionados às suas histórias de vida e à cultura em que estão inseridos.

Para Munsterberg (2003) a atenção é a mais fundamental de todas as funções internas que criam o significado do mundo exterior. Selecionando o que é significativo e relevante tudo se regula pela atenção e pela desatenção, contudo o que entrar no foco da atenção se destaca e irradia significado no desenrolar dos acontecimentos, por isso a atenção leva-nos a ignorar tudo o que não satisfaça aquele interesse específico.

Balázs (2003) afirma que ao vermos um filme, interagimos de tal modo que nos identificamos com ele e o nível dessa interação reflete diretamente na influência que sofremos do mesmo. Influência essa que pode se manifestar de várias maneiras, considerando o nível de percepção e realidade de cada indivíduo. O autor afirma também que a interação com esse tipo de arte é única justamente por esse efeito de “identificação”.

Os filmes permitem através da identificação, nos ver dentro dos personagens sem utilizar a nossa visão, mas sim a deles. Tentando nos colocar em seu lugar, compreender a sua alegria, dor, felicidade ou angustia. Sendo assim, esse tipo de arte nos permite entender o impacto que as mídias podem ter sobre os espectadores.

Ao pensarmos em cinema e educação, devemos levar em conta os processos de socialização na formação cultural e educacional do indivíduo. A educação faz parte do processo de socialização, mediada pelas leituras, filosofia e sociologia, possibilitando que as pessoas tenham acesso a informações e, a partir destas, possam construir novos pensamentos que acarretará em novos comportamentos. O cinema assim como a educação, podem ser considerados instrumentos de socialização, portanto mediadores do desenvolvimento humano e das relações humanas.

Os processos de desenvolvimento podem ser entendidos a partir das interações sociais. Rosseti et all (2004), trabalham com o conceito de rede de significações que é uma ferramenta capaz de auxiliar tanto nos procedimentos de investigação como na compreensão do processo de desenvolvimento humano que ocorrem durante todo o ciclo vital nas e por meio das múltiplas interações estabelecidas pelas pessoas em contextos social e culturalmente organizados.

Sabemos que as relações com o outro são construídas dialeticamente, seja com os pais, nas escolas ou nos meios sociais. O indivíduo necessita do outro para se constituir quanto sujeito.

A partir da Psicologia Histórico-cultural podemos perceber a Linguagem Cinematográfica repleta de significados. Ela é construída com os significados do cineasta, do elenco e da equipe técnica que está produzindo o filme, dos objetos, que vão dando forma ao filme e estes por sua vez possuem novos significados ao ser assistido. Com isso, percebemos que as relações dialéticas estão a todo tempo sendo construídas e mediadas pelo filme.

Esta vertente Histórico-cultural é quem melhor explica as relações sociais, entendendo os significados e interpretações construídas ao longo da história da humanidade. Esta ciência surgiu, no início do século XX, na União Soviética, pós-revolução, momento em que procurava reconstruir suas teorias científicas a partir do referencial marxista. Como referência, podemos citar autores como Vigotski (1989 a 2001a), Bakhtin (2003), Wallon (1989) entre outros.

Para Vigotski (2001; 1989), o homem é um ser histórico, que se constrói por meio das interações sociais, onde a sociedade está sempre em transformação, em desenvolvimento, ocorrendo mudanças que precisam ser entendidas através das relações dialéticas entre os indivíduos. Para ele, o homem se constitui pela relação do indivíduo com a realidade, não só enquanto meio social imediato, mas quanto processo cultural historicamente produzido.

Entretanto para Bakhtin, o sujeito dialógico possui várias vozes ecoando pensamentos e palavras que ajudarão na construção desse sujeito inacabado, a relação eu – outro é fundamental na sua construção. Segundo Marques (2004), o sujeito

bakhtiniano é dialógico, emerge do outro e seu conhecimento é fundamentado no discurso que ele produz.

O cinema em sala de aula pode ser utilizado como ferramenta pedagógica para ajudar no ensino-aprendizagem. Segundo Carmo (2003), educar pelo cinema ou utilizar o cinema no processo escolar é ensinar a ver diferente, é educar o olhar, decifrar os enigmas da modernidade na moldura do espaço imagético. O professor precisa saber ler as imagens, é necessária uma cultura cinematográfica para entender a comunicação do cinema. Segundo o autor, os cinéfilos e os consumidores de imagens em geral, são espectadores passivos que são consumidos pelas imagens. Porém, Carmo (2003), afirma também que aprender a ver cinema é realizar o rito de passagem do espectador passivo para o espectador crítico.

Sendo assim, vemos que o uso deste meio de comunicação pode ajudar a ampliar e avançar na formação cultural do professor e do aluno. A arte cinematográfica contribui para disseminar a arte e a cultura e pode exercer influência positiva nos estudantes e professores quando bem utilizadas.

Para Martin (1990), a Linguagem Cinematográfica corresponde ao conjunto de planos, ângulos, movimentos de câmara e recursos de montagem que compõem o universo de um filme. Os aspectos da Linguagem Cinematográfica devem ser planejados para se obter a melhor forma de expressão. Porém, é preciso levar em conta que cada plano, movimento de câmara, etc. tem um efeito psicológico e um valor dramático específico exercendo seu papel dentro da totalidade que é um filme. Portanto, ao se escolher um enquadramento, deve-se levar em conta o seu efeito visual individual e também como ele se encaixa na continuidade do trabalho (FONSECA, 2009). É necessário que o professor conheça os meios e instrumentos da Linguagem Cinematográfica para o melhor aproveitamento desse recurso em sala de aula.

Dessa forma, o professor tem papel fundamental como mediador na utilização do filme e aprendizado do aluno para que haja um melhor aproveitamento dessa ferramenta. O cinema pode ser usado para representar os conteúdos tradicionais necessários à aprendizagem através dessa nova possibilidade pedagógica no desenvolvimento cognitivo e perceptivo do aluno. Por isso é importante que o espectador entenda que o filme pode representar além do que é visto nas telas. Para Silva (2009), o filme é uma possibilidade de intervenção e auxílio na construção do conhecimento.

Como observa Carmo (2003), o problema é a passividade do espectador, que, sem cultura cinematográfica, sem posse dos instrumentos e dos procedimentos da linguagem da sétima arte, não assimila as possibilidades comunicativas do cinema. É necessário aprender a ler as imagens, e é aqui que começa o trabalho do educador, do professor. Entretanto, vemos que o cinema pode cumprir um papel saudável e esclarecedor no processo de escolarização. Não há como compreender a comunicação imagética sem o pensamento, sem o esforço intelectual. O acesso fácil às imagens não quer dizer um fácil entendimento de suas formas.

Os filmes podem ser vistos como uma ferramenta pedagógica, ou seja, para ensinar e ampliar a visão do seu espectador. A utilização de filmes para o entendimento de alguns conceitos construídos pelas sociedades é de grande valia. O cinema proporciona a produção de saberes, conhecimentos diversificados por representar elementos sócio-culturais que talvez não pudessem ser acessados por algumas pessoas se não fosse pela arte do cinema. Duarte argumenta que:

Parece ser desse modo que determinadas experiências culturais, associadas a uma certa maneira de ver filmes, acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo de um grande contingente de atores sociais. Esse é o maior interesse que o cinema tem para o campo educacional ___ sua natureza eminentemente pedagógica. (DUARTE, 2002, p. 19)

Um mesmo filme pode ser analisado de diferentes formas conforme o enfoque que lhe seja dado, dependendo de quem o estiver utilizando. O filme pode ser utilizado pelos professores para trabalhar determinados assuntos em sala de aula como também pode ser utilizado para trabalhar a opinião do professor sobre determinada questão. Daí a importância do professor saber lidar com essa ferramenta, tanto como mediador como espectador.

Como observa Duarte, citado por Silva (2009), hoje, a educação a ser oferecida exige novos pressupostos, entre eles, aquele que admite produção e a difusão de conhecimentos por textos compostos em imagem-som e que possam ter legitimidade, confiabilidade e valor epistemológico como de outras fontes. Partindo deste apontamento é preciso pensar como tem sido a produção de saberes na atualidade.

O fácil acesso à tecnologia, às mídias possibilita excesso de informações que devem ser trabalhadas em sala de aula, para que haja um melhor aproveitamento por parte dos alunos diante de tantas informações. De acordo com Silva (2009), utilizar-se do cinema pode ser um dos caminhos de reflexão crítica do pensamento em construção.

Dessa forma, é importante pensarmos como as relações sociais entre alunos, familiares, professores e escola são construídas. A partir da história de vida de cada um é possível entender a importância dada a cada situação, como também entender como agiram ou quais os valores dados a determinadas situações.

Entretanto, o filme pode ser utilizado pelos professores para representar a violência dos alunos em sala de aula e a posição do professor nesta relação de violência. Um mesmo filme pode ser analisado de diferentes formas conforme o enfoque que lhe seja dado. Daí a importância do professor saber lidar com essa ferramenta.

Através das narrativas de cada sujeito e das narrativas das imagens, é possível compreendermos os significados entendidos e aprendidos através das relações entre espectador e cinema. Para Duarte (2002), a chamada “competência para ver” narrativas dessa natureza teria, então, como suporte essa articulação. Daí a importância após vermos filmes comentá-los em grupos, trocar experiências com outras pessoas para compreendermos quais as percepções e significados que tiveram as imagens, os sons para cada pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de filmes em sala de aula tornou-se uma opção importante para o professor que passou a utilizar esse recurso considerado de distração e entretenimento para trabalhar temas diversos conforme as habilidades do professor. O cinema atual possibilita através de seus recursos tecnológicos com efeitos especiais cada vez mais modernos prenderem a atenção do espectador. Os estímulos sensoriais e visuais exigem que novos métodos sejam utilizados pelo professor para manter a atenção dos alunos, pois essa invasão tecnológica trouxe mudanças de comportamentos em sala de aula.

A análise do tema a ser abordado possibilita fazer um levantamento crítico e racional desde a Linguagem Cinematográfica, seus efeitos especiais, até a história central entendida pelo espectador e a apresentada pelo diretor.

As imagens representam as relações socioculturais, não necessariamente o real, mas que se torna real na tela podendo adquirir muitos significados conforme quem os interpreta. É a partir daí que o professor tem seu papel fundamental como mediador desse recurso entre os vários discursos do cinema, das muitas vozes, como diria Bakhtin e o entendimento do aluno.

A relação entre cinema, educação e psicologia nos permite diferentes formas de leituras da linguagem fílmica através do discurso do indivíduo e do discurso do cinema, possibilitando conseqüentemente o emprego de filmes em sala de aula utilizados como recursos na educação quando bem utilizados pelo professor.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, V. A. Afetividade e Cognição: Rompendo a Dicotomia na educação. Disponível em: <http://hottopos.com/videtur23/valeria.htm>. 2002. Acesso em: 14 de novembro de 2010.
- AUMONT, J. A imagem. Tradução Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. Campinas, SP: Papirus, 1993.(9ª. , 2004).
- BARRETO, R.A.D.N.; Fundamentos Antropológicos e Sociológicos. Aracaju, SE, UNIT, 2010.
- BENJAMIN, W. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política, São Paulo, SP, brasiliense, 1994.
- BALÁZS, Bela. Nós estamos no filme. Em: I. Xavier (org.). A experiência do cinema: antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1945/2003.
- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Tradução: Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BOTURA, W., Agressões Silenciosas, Editora República Literária, 2001.
- CARMO, L. Revista Ibero Americana de Educação. No. 32: Maio-Agosto 2003. Disponível em <<http://www.rioei.org/rie32a04.htm>> acesso em: 2010
- CHARNEY, L., SCHAWARTZ, V.R., Introdução. Em CHARNEY, L., SCHAWARTZ, V.R., (orgs.). O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo, SP.Cosac & Naify, 2004.
- COSTA, C. Sociologia: Introdução à ciência da sociedade. 3ª. Ed. São Paulo, SP. Moderna, 2007.
- DUARTE, Rosália. Cinema e educação. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2002.
- ROSSETI, M.C.R. et. All. Rede de Significações: e o estudo do desenvolvimento humano. Porto Alegre, RS, Artmed, 2004.
- FONSECA, A. Elementos que formam a linguagem da TV. Diário de um repórter, 21 de agosto de 2009. Disponível em: < <http://www.arianefonseca.com/index.php/mundo-academico/elementos-que-formam-a-linguagem-da-tv>>, acesso 2010.
- GEERTZ, C. A Interpretação das Culturas; Rio de Janeiro, RJ, Zahar, 1978.
- GUNNING, T. O retrato do corpo humano: a fotografia, os detetives e os primórdios do cinema. Em CHARNEY, L., SCHAWARTZ, V.R., (orgs.). O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo, SP.Cosac & Naify, 2004.

HOUAISS, A.; Dicionário Eletrônico de língua portuguesa, 2004. ISBN 85-7302-3961. CD-ROM.

MARQUES, M.C.S. Bakhtin: apontamentos temáticos. Disponível em: http://www.primeiraversao.unir.br/atigos_pdf/numero161Celeste.pdf . Revista Primeira Versão ANO III, Nº161 - SETEMBRO - PORTO VELHO, 2004 VOLUME XI ISSN 1517-5421. Acesso em 2009.

MARIN, I, S, K. Violências. São Paulo, Editora Escuta, 2002.

MARTIN, Marcel. A Linguagem Cinematográfica. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MUNSTERBERG, Hugo. A atenção. Em: I. Xavier A experiência do cinema: antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1970/2003.

OLIVEIRA, M.K.;Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico, São Paulo,SP, Scipione, 2004.

SCHWARTZ, V. R. O espectador cinematográfico antes do aparato do cinema: o gosto do público pela realidade na Paris fim-de-século. Em CHARNEY, L., SCHAWARTZ, V.R., (orgs.). O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo, SP.Cosac & Naify, 2004.

SILVA, B. N. Cinema e a sala de aula: um caminho para a formação. Revista Espaço Acadêmico, nº 93, fevereiro de 2009 disponível: <<http://www.espacoacademico.com.br/093/93silva.pdf> > acesso em: 25 de junho de 2010

SINGER, B., Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. Em CHARNEY, L., SCHAWARTZ, V.R., (orgs.). O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo, SP.Cosac & Naify, 2004.

TAGLIAFERRO, Et. All., Emoção, Afetividade e a Relação com a Educação, segundo a Teoria Histórico-Cultural. Disponível em: <<http://www.lite.fae.unicamp.br/cursos/ep127/emocao.htm>. > acesso em 2009.

THOMPSON, J.B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ. Vozes, 1995.

VIGOTSKI, Lev. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, Lev. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

XAVIER, I. Cinema: Revelação e Engano. In: O Olhar, São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

WALLON, H. Do acto ao Pensamento. Lisboa: Moraes, 1979.